



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 22 - julho de 2019

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2019i22p55-72>

**Relações de “identidade” no conto “Ana Davenga”, de Conceição
Evaristo**

**Identity Relationships in the short story “Ana Davenga”, by
Conceição Evaristo**

*André Natã Mello Botton**

RESUMO

Conceição Evaristo, em seus textos, traz à tona a realidade sobre a favela, a importância da mulher em sua formação e retoma vários aspectos da cultura popular brasileira. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva analisar o conto “Ana Davenga”, publicado na sua coletânea *Olhos d’água* (2014), e relacionar as características das personagens com a teoria sobre identidade, de autores como Stuart Hall, Eric Landowski e Patrick Chareaudeau. Ao conceituar “identidade” segundo esses autores, será possível encontrar no texto literário particularidades que permitem desenhar identidade(s) relativa(s) às personagens. De cunho bibliográfico, o presente artigo pretende refletir, principalmente, sobre a identidade de Ana Davenga – com base nos teóricos citados –, construída a partir de seu encontro com Davenga, um assaltante por quem Ana se apaixona. Ao trazer Ana Davenga para o espaço literário, Conceição Evaristo, com toda a sua poética, representa muitas outras Anas presentes nas periferias do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Conceição Evaristo; Ana Davenga

ABSTRACT

With her novels, Conceição Evaristo brings to the fore the reality about the *favela*, the importance of women in her formation, and resumes the discussion of various aspects of Brazilian popular culture. This paper aims at analysing the short story “Ana Davenga”, published in Evaristo’s collection *Olhos d’água* [Eyes of Water] (2014), and relating the characters’ traits to the identity theory of authors such as Stuart Hall, Eric Landowski and Patrick Chareaudeau. By conceptualizing “identity” according to these authors, it will be possible to find in the text particularities that allow drawing the characters’ identity/identities. From a bibliographical point of view, this article intends to reflect mainly on the identity of Ana Davenga – based on the mentioned theorists –,

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS; Escola de Humanidades; Programa de Pós-Graduação em Letras, Teoria da Literatura – Porto Alegre – RS – Brasil – andre.botton@gmail.com



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 22 - julho de 2019

constructed from her encounter with Davenga, a robber she falls in love with. By bringing to the literary field, Conceição Evaristo, with all her poetry, represents many other Anas present in the peripheries of Brazil.

KEYWORDS: Identity; Conceição Evaristo; Ana Davenga

Introdução

Pensar a identidade no mundo contemporâneo é questionar as relações humanas que estão por trás da sociedade. A dita crise identitária está muito mais voltada para o egoísmo e para a falta de alteridade do que qualquer outra coisa. As relações sem consistência e interesseiras são a prova desse vazio que o homem preenche com qualquer outra coisa, menos com relações reais, olho no olho. A tecnologia, em alguma medida, tem contribuído para dois movimentos: de aproximação e de afastamento. No entanto, a literatura, como um sistema cultural que influencia na formação e na transformação das identidades, continua a questionar concepções fundamentais que discutem a identidade e as relações de alteridade.

Prova disso é a produção da autora mineira Conceição Evaristo, nascida em 29 de novembro de 1946, em uma favela de Belo Horizonte. Ao lado de nove irmãos e de sua mãe, teve que conciliar desde muito cedo os estudos com o trabalho de empregada doméstica. Em 1973, foi para o Rio de Janeiro e, em 1990, concluiu o curso de Letras na UERJ. Em 1996, formou-se mestre em Literatura na PUC-Rio e, em 2011, concluiu o doutorado na Universidade Federal Fluminense.

Além dessa formação, Evaristo é autora de dois romances – *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006); de um livro de poesia – *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); e três livros de contos – *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014) e *Histórias de leves enganos e parecidoças* (2016); além de ter participado em várias coletâneas e antologias. O que Conceição Evaristo tematiza em sua escrita são questões relativas a gênero e raça, de modo que, a partir de uma crítica social, denuncia relações que estão presentes na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, o presente trabalho pretende discutir essas relações identitárias no conto “Ana Davenga”, tomando como referência teóricos que refletem a identidade, tais como Stuart Hall, Eric Landowski e Patrick Charaudeau. Sob esse viés, pretende-se analisar como a literatura de Conceição Evaristo reflete relações humanas a partir das quais denuncia identidades muitas vezes marginalizadas e esquecidas pela sociedade de um modo geral. Em entrevista da autora ao jornal *O Globo*, em julho de 2016, ela afirma: “[...] a questão negra não é uma questão para o negro resolver, a questão indígena não é para o índio resolver. São questões para todos os brasileiros pensarem.” (CAZES, 2017). E, antes de tudo, como brasileira, Evaristo propõe uma reflexão crítica de problemas sociais a partir de seus textos. São essas questões relativas à identidade de

suas personagens que este artigo tenciona apresentar e discutir com base na visão dos teóricos já citados.

1 Identidade(s)

O pensamento usual, ao se falar em identidade, é o de pensar em algo sólido e rígido, uma ideia que desde o Romantismo está presente na cabeça de muitos brasileiros, para não dizer da maioria dos ocidentais que sofreram a influência das ideias do final do século XIX e que podem ter este mesmo pensamento: o de que a identidade é algo único e sólido, sem possibilidades de mudanças ou adaptações. O sujeito do Iluminismo possuía uma identidade centrada no *eu*, sua capacidade de razão, de ação e consciência, tudo alicerçado em um centro, em um núcleo. Entretanto, o sujeito sociológico já está voltado para o social, em que se constitui sua identidade na relação social com outras identidades.

Já o sujeito pós-moderno possui identidades das quais, no decorrer da sua vida, pode se apropriar¹. Se algum sujeito possui uma única identidade, conforme o Iluminismo pretendia afirmar – algo que na contemporaneidade é muito distante –, centrado em um *eu*, é porque conseguiu com o tempo centrar-se em si mesmo. Ou seja, a diferença das sociedades modernas é justamente o processo de globalização, pois tudo muda muito rápido, não se tem mais tempo para as coisas se solidificarem. E, para Hall, essa é a grande diferença das sociedades modernas para as *tradicionais*: a constante mudança e adaptação.

Dessa forma, o que marca as sociedades modernas são as diferenças no seu interior e, por sua vez, a diferença dos indivíduos que as compõem. Ou seja, as diferentes identidades que fazem parte das sociedades. Um país não possui mais unicamente como habitantes um único tipo físico, racial ou cultural. Com a globalização, é possível encontrar nos mais diversos países diferentes marcas culturais que, nas sociedades anteriores, não se conhecia ou com as quais não se tinha contato mais próximo. Talvez, a marca identitária das sociedades modernas seja justamente as diferenças de identidades que estão presentes nelas. A partir disso, é possível dizer que

¹ É aquilo que Zygmunt Bauman (2001) discute no livro *Modernidade Líquida*, assim como os líquidos, a era Moderna não é sólida, mas com o tempo se adapta ao espaço em que se encontra. Da mesma forma, pode-se falar a respeito da identidade do sujeito que se adapta ao espaço social no qual está inserido, disso depreende-se uma *fase líquida* da identidade.

[...] a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2001, p. 12-13).

É importante destacar que uma identidade não é definida biologicamente, mas historicamente, ou seja, nas relações e na construção social do sujeito, pois este adquire, em diferentes momentos, diversas identidades conforme a sua necessidade, tendo em vista o espaço social em que está, de modo que o eu iluminista não existe mais. Essas identidades adquiridas, ao longo do tempo, entram em contato e estão constantemente em choque. Assim, a interação social é que vai definir a identidade do sujeito a partir de deslocamentos e adaptações próprias para cada espaço. Conforme Hall (2001), o sujeito possui um núcleo, ou um *eu real*, que é formado e modificado “[...] num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem.” (p. 11). Com isso, há uma fragmentação da identidade do sujeito ao interagir com o mundo externo.

Dessa maneira, segundo Stuart Hall, o sujeito *assume*, ao longo de sua vida, identidades e não mais constrói apenas uma identidade. “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.” (2001, p. 39). É dessa necessidade da visão do outro que a identidade do sujeito vai ser construída e, da mesma forma que é impossível falar em apenas uma identidade, melhor seria pensar a partir do plural, *identidades*, pois o sujeito está constantemente em contato com outros. Seguindo o raciocínio do sociólogo jamaicano, se está em contato com o exterior, logo, o eu *desenvolve*, *cria* sua identidade a partir do olhar do outro externo a si, ou melhor, daquilo que imagina que o outro vê.

Por mais que o sujeito não possua uma identidade sólida, segundo Ricoeur, “[...] é pela escala de uma vida inteira que o si procura sua identidade: entre as ações curtas, às quais se limitam nossas análises anteriores sob o constrangimento da gramática das

frases de ação, e a conexão de uma vida.” (1991, p. 139). Há uma busca do sujeito por *uma* identidade e a literatura contribuiria para esse conhecimento do si. Por esse caminho, Ricoeur apresenta a discussão acerca da identidade pessoal, que estaria no confronto entre mesmidade e ipseidade. A mesmidade estaria voltada para a relação e não existiria sozinha, mas vinculada ao tempo, enquanto a ipseidade é individual e única. Essas duas noções, opostas entre si, vêm da identidade pessoal e se articulam pela identidade narrativa. No caso do conto “Ana Davenga” (2016), de Conceição Evaristo, a identidade da personagem é construída no decorrer da narrativa e está em relação com o seu parceiro, o Davenga.

A pessoa, compreendida como personagem de narrativa, não é uma entidade distinta de suas ‘experiências’. Bem ao contrário: ela divide o regime da própria identidade dinâmica com a história relatada. A narrativa constrói a identidade do personagem, que podemos chamar sua identidade narrativa, construindo a da história relatada. É a identidade da história que faz a identidade da personagem. (RICOEUR, 1991, p. 176).

Desse modo, a identidade de Ana Davenga é construída ao mesmo tempo em que o relato de si é apresentado. É impossível separar a diegese daquilo que estaria voltado para a identidade da personagem, pois Ana seria o resultado de histórias que se entrecruzam, de olhares de outros, em uma palavra, de alteridades. É significativo, levando em consideração o estudo de Ricoeur, pensar o próprio título do conto, pois a história da vida de Ana Davenga se confunde com a narrativa. A identidade da diegese é a identidade da própria personagem. E a construção dessa identidade passa pelas relações de alteridade construídas ao longo da vida-narrativa de Ana. Segundo Levinas, a identidade vai ser definida em sua relação, “[...] o sentido de alguma coisa está na sua relação com outra coisa.” (1982, p. 78) e, nesse sentido, a subjetividade construída dos sujeitos é inicialmente sempre para o outro e nunca para si.

Assim, ao analisarmos o conto de Conceição Evaristo, na tentativa de perceber a construção identitária de Ana Davenga, se faz necessário o olhar para o todo social e para as relações que a personagem vai tendo ao longo da narrativa. É sob a perspectiva de um outro, tanto do narrador como testemunha dos fatos apresentados, quanto das personagens envolvidas na história, que a identidade fragmentada de Ana é construída. Ao olharmos especificamente para a identidade de Ana, perceberemos que ela é constituída por um outro, o seu parceiro, Davenga. Até o momento em que os dois se

conhecem, ela é apenas uma “Ana”, depois que os dois vão morar juntos e constituem um namoro, por vinculação ao outro, a própria identidade da personagem é transfigurada para Ana Davenga. É impossível conceber, nessa narrativa, bem como em tantas outras, a identidade das personagens sem retomarmos a ideia de relação – conforme apresentada –, tendo em vista a alteridade construída no meio em que a narrativa está. Alteridade aqui é entendida como movimento simétrico de olhares entre um eu e um outro. Não há distinção entre os dois, mas relação no mesmo nível de importância. Dessa forma, ao olharmos para a mulher Ana e para o homem Davenga, percebemos que “[...] não são apenas diferentes, mas se completam tão bem que, juntos, são quase todo-poderosos: senhores da vida, artesãos de sua sobrevivência, de seu prazer e do calor afetivo necessário, sem o qual o ser humano se deteriora também.” (BADINTER, 1986, p. 23). Ao cogitarmos a separação dos dois, haveria também a deterioração da própria identidade de Ana. Ela é, em alguma medida, parte daquele homem, necessita dele. Mesmo assim, a relação constituída entre os dois não possui uma supremacia absoluta sobre um ou outro.

Nessa perspectiva do olhar do outro é que Eric Landowski vai escrever a sua teoria a respeito da identidade. O semiólogo francês concebe o outro como complementar para o sujeito, não apenas como um dessemelhante. A sua crítica parte da ideia de que muitas vezes se esquece que o outro também é sujeito e, dessa forma, há uma relação equivalente de construção identitária, ou seja, a questão de se ter um sujeito é apenas de perspectiva, pois ambos estão no mesmo processo. É dentro desse sistema de relações que o mundo fará sentido, em uma articulação de diferenças entre opostos ou complementares. A identidade vai ser construída na articulação e na relação da diferença em relação ao outro, no contato com o outro é que o eu poderá ter a sua identidade parcialmente definida.

Com efeito, o que dá forma à minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a alteridade do outro atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. Assim, quer a encaremos no plano da vivência individual ou – como será o caso aqui – da consciência coletiva, a emergência do sentimento de “identidade” parece passar necessariamente pela intermediação de uma “alteridade” a ser construída. (LANDOWSKI, 2002, p. 4).

Aqui está o foco da teoria sobre identidade de Landowski: a identidade para ser construída precisa de relações de alteridade, em que aquela é construída não apenas pelo

que o eu imagina que o outro pensa ou vê, mas a partir de uma alteridade social, de uma relação igualitária entre os dois. “Num mundo de Sujeitos, todo mundo, por definição, é Sujeito do mesmo jeito e no mesmo grau, qualquer que seja a natureza das diferenças que singularizam uns com relação aos outros.” (LANDOWSKI, 2002, p. 24).

Para o semiólogo francês, a crise de identidade estaria no momento em que um grupo majoritário impõe a sua identidade a um grupo minoritário². Na assimilação há perdas e ganhos, não na mesma medida, mas é possível identificar que ao se fundir a um outro grupo social, o sujeito tem tudo a ganhar, porém, ao mesmo tempo, ele precisa abandonar o que traz consigo para poder se fundir àquele grupo. Consequentemente, o *dessemelhante* é assimilado e, por sua vez, perde a sua identidade, tendo que entrar num outro grupo que não é o seu; ou, por outro lado, ele é *excluído* daquele grupo. Ambas atitudes são respostas de um reconhecimento do dessemelhante. No entanto, o reconhecimento do diferente é importante para que se possa falar em construção identitária, pois a partir do momento em que o sujeito percebe que o outro é diferente de si é que será possível perceber as dessemelhanças e as possíveis trocas que um poderá fazer com o outro. Esse é o processo de alteridade que Landowski afirma ser necessário: uma troca igualitária em que não haja posições entre os sujeitos, visto que, os modos de ser são iguais. E são esses modos de ser que fazem do eu aquilo que ele *parece* ser para si, entretanto, para os outros é o que ele é. Ainda, não há *fronteiras naturais* entre o eu e o outro, o que há são demarcações feitas entre esses dois. A diferença está constitutivamente marcada a partir do ponto de vista que se adota para ver o outro e, com isso, criar outros modos de relação com figuras singulares. Ao criar essa relação com figuras singulares, o outro não será assimilado, nem excluído, muito menos perderá a(s) sua(s) identidade(s). Ao contrário, em certa medida, ele também fará parte daquele espaço sem perder sua(s) identidade(s). Aqui pode-se evocar Hall, quando fala que a identidade está em constante transformação e mudança, sendo modificada por fatores internos e externos que a influenciam, não é algo estático, sincrônico, mas diacrônico.

Da mesma forma que Hall, Landowski afirma que os modos de ser do sujeito são adquiridos no meio em que ele está inserido.

Assim, sem que praticamente eu possa fazer nada contra isso, minha língua, meu sotaque, minha nacionalidade, minha educação, minhas

² Segundo Landowski (2002), as ideias de grupo majoritário ou minoritário não são relativas ao seu tamanho, mas ao poder que determinadas parcelas da sociedade impõem a grupos marginalizados ou excluídos, pela falta de acesso a bens culturais ou materiais.

“ideias”, eventualmente minha religião – ou pior, meu ateísmo – e, em geral, todos os meus modos de ser, adquiridos em contato com o meio em que vivo, fazem por si só de mim o que eu pareço, isto é, pelo menos para os outros, o que eu sou: aqui, alguém “como todo mundo” ou quase, e, noutro lugar, se estou viajando, um “parisiense” reconhecível ao primeiro olhar, ou então, indo mais longe, o retrato ambulante de um daqueles estranhos “franceses” que parecem caricaturas de seu país, ou ainda, simplesmente, um “branco”, como mil outros, se vou mais longe. É impossível escapar a esses rótulos; e, no entanto, eles só correspondem a uma maneira possível – a mais amplamente difundida, talvez, e, contudo, toda contingente – de construir o simulacro do outro (e, se for o caso, aquele no qual reconhecer-se a si mesmo, se não houver outro jeito). (LANDOWSKI, 2002, p. 33).

Ora, os modos de ser são aquelas características externas que o eu permite que o(s) outro(s) veja(m), a sua aparência. Isso se dá a partir do meio social em que o sujeito está inserido, variando ou se adaptando conforme a necessidade. Mais uma vez, retomando Hall, a identidade é fragmentada. Com isso, pode-se falar em simulacros do outro ou, na mesma medida, simulacros do eu, pois ambos constroem a sua identidade na medida em que permitem que um ou outro veja a si. É quando o sujeito toma consciência de si e de sua identidade, ou daquilo que permite que o outro o veja.

Patrick Charaudeau vai abordar a identidade a partir de um princípio de alteridade. O linguista francês trabalha com a identidade sob o viés da análise do discurso. No entanto, possui concepções relativas à identidade que podem ser aplicadas neste estudo. Ao pensar no sujeito, Charaudeau afirma que a identidade pode ser pensada a partir de dois vieses: o da identidade discursiva (se dá no modo como se constrói o discurso) ou da social (quando há o reconhecimento pelos outros, nas situações de comunicação). Assim,

[...] a identidade é o que permite ao sujeito tomar consciência de sua existência [...]. A identidade implica, então, a tomada de consciência de si mesmo. Mas para que ocorra a tomada de consciência, é necessário que haja diferença, a diferença em relação a um outro. É somente ao perceber o outro como diferente, que pode nascer, no sujeito, sua consciência identitária. (CHARAUDEAU, 2009, n.p.).

Parece que o linguista francês reúne em sua teoria a de Hall e a de Landowski ao olhar para a identidade e perceber que na relação do sujeito com o outro, percebendo as suas diferenças, é criada uma consciência de si mesmo, logo, de sua identidade. O que Charaudeau destaca é a necessidade de se tomar consciência da diferença. A diferença aqui tem papel fundamental para entender o modo como essa tomada de consciência

acontece. Em outras palavras, no contato dos dois, na relação de alteridade, no reconhecimento de diferenças é que há a tomada de consciência de uma identidade que, ao mesmo tempo, é moldada e apresentada ao outro. Valendo-se do termo de Landowski, os modos de ser do sujeito *aparecem* no momento do contato entre o sujeito e o outro, de modo que a identidade desse mesmo sujeito torna-se fragmentada. A tomada de consciência identitária é o princípio de alteridade.

Quanto mais forte é a consciência do outro, mais fortemente se constrói a sua própria consciência identitária. É o que se chama de *princípio de alteridade*. [...] Assim, segundo esse princípio, cada um dos parceiros da troca está engajado num processo recíproco (mas não simétrico) de reconhecimento do outro e de diferenciação para com o outro, cada um legitimando o outro através de uma espécie de “olhar avaliador” – o que permite dizer que a identidade se constrói através de um cruzamento de olhares: “existe o outro e existo eu, e é do outro que recebo o eu”. [...] não há *eu* sem *tu*, nem *tu* sem *eu*, o *tu* constitui o *eu*. (CHARAUDEAU, 2009, n.p., grifos do autor).

Ou seja, há a necessidade do eu e do tu (uma relação de alteridade e de reconhecimento da diferença) para que haja identidade. É importante destacar que não é simétrica a relação entre os dois. Ela é recíproca, mas não é proporcional, justamente por haver entre os dois diferenças identitárias, um processo de diferenciação de identidade dentro do jogo da relação de alteridades que se colocam e se cruzam ao mesmo tempo. Logo, o modo relacional também será diferente. Dessa forma, cada um se legitima a partir do olhar do outro.

Charaudeau vai destacar ainda a importância do espaço social em que o sujeito e o outro estão inseridos. Uma vez que, dentro de cada espaço social, o sujeito será um diferente, logo, não há uma identidade, mas traços identitários, porque a identidade do sujeito é compósita. A identidade, mais uma vez, é *definida* consoante ao espaço social em que o sujeito está inserido. É desse modo que será possível falar em traços identitários e não mais em uma única identidade do sujeito. Na tentativa de evitar uma essencialização e, por sua vez, uma redução a uma unidade do sujeito, é que Charaudeau abre espaço para a discussão e análise dos traços identitários, da mesma forma que Landowski fala em modos de ser e Hall em identidades fragmentadas.

A revisão de alguns trabalhos desses importantes teóricos que pensam a identidade permite embasar a análise do conto “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo, para, com isso, pensar como os traços identitários se relacionam e são representados

nessa literatura contemporânea, vista como um sistema cultural que reflete a identidade e, ao mesmo tempo, influencia identidades.

2 Olhar o outro é ver a si mesmo

E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia.
(EVARISTO, 2003, p. 127).

O livro *Olhos d'água* (publicado em 2014) é uma coleção de 15 contos de Conceição Evaristo, uma obra que discute as mais diversas questões sociais presentes na escrita da autora. Evaristo parte da população afro-brasileira para problematizar questões sociais urbanas de violência e de pobreza que atingem mais diretamente classes sociais ditas *baixas*. Antes disso, como já dito pela autora em várias entrevistas, ela parte da sua experiência, das histórias que ouvia de sua mãe para escrever a sua ficção. A maior parte de seus contos possui narradoras e protagonistas que dão voz e espaço às mulheres. Essa é uma das marcas de Conceição Evaristo, ou seja, colocar-se dentro de suas ficções na condição de mulher negra. Além disso, as relações sociais são destacadas, denunciando uma sociedade excludente e preconceituosa como a brasileira.

O clima ao longo de todo o conto “Ana Davenga” é de tensão. A história começa com a chegada de todos os amigos no barraco de Ana e de Davenga, exceto por este último. Ana fica preocupada por não encontrar o seu namorado entre eles. A partir disso, o narrador apresenta uma série de recordações trazidas pelas memórias de Ana e de Davenga, seja do dia em que se conheceram na roda de samba, de quando um deu o nome para o outro, ou da morte de Maria Agonia. Após todas essas recordações, o narrador conduz o leitor ao momento em que Davenga chega e Ana se dá conta de que tudo aquilo não passava de uma festa surpresa de aniversário para ela, aos 27 anos, a sua primeira, mais precisamente, a primeira enquanto Ana Davenga, uma nova identidade. No entanto, após aquele misto de alegria e medo, a polícia invade o barraco, Davenga reage e os policiais matam os dois na cama, além de “[...] um sonho de vida que ela trazia na barriga.” (EVARISTO, 2016, p. 30).

O narrador conhece todos os personagens e vai introduzindo, a partir dos olhares de Ana e de Davenga, o que está acontecendo no conto. Desse modo, a narrativa permite que as vozes das personagens interfiram e deem sua visão das cenas ali expostas. Por exemplo, quando é narrado o momento em que os dois se conhecem na

roda de samba. É a partir de Ana que o narrador apresenta a cena: “Estava tão distraída na dança que nem percebeu Davenga olhando insistentemente para ela.” (EVARISTO, 2016, p. 24). Mais tarde, a mesma cena é narrada a partir da visão de Davenga: “Estava atento aos movimentos e à dança da mulher.” (EVARISTO, 2016, p. 25). Além disso, parece que há, ao longo da narrativa, um tipo de música ao fundo: o samba. Desde o início do conto até o final, o narrador marca precisamente que o gingado da mulher e do homem são de sambistas, bem como as batidas na porta anunciando algo bom ou ruim.

Ana “[...] era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles.” (EVARISTO, 2016, p. 22). Essa é uma das melhores definições apresentadas no texto para representar Ana. Uma mulher submissa ao seu homem e que não deve se meter nos assuntos ali discutidos. A comparação que Davenga faz de Ana com uma bailarina africana de um filme eleva a personagem a uma posição superior, quase de deusa, ao se tornar desejada e idealizada pelo homem. Quando vai para o barraco de Davenga, ela não é bem aceita e, aos poucos, se torna irmã, pois o assaltante deixa bem claro que ninguém pode encostar na sua mulher. Ao longo do conto, é possível sentir a tensão na forma em que os fatos são narrados, pois é justamente o que Ana sente ao não ver o seu namorado ali. Ela sabe com o que ele trabalha e, diferentemente de Maria Agonia, fica ao seu lado. Conforme a narrativa se desenvolve, Ana Davenga percebe que algo de diferente está acontecendo. E, ao perceber que tudo não passava de uma surpresa de Davenga, a tensão muda para felicidade, resultando, mais tarde, no gozo-pranto. Quanto ao seu aniversário, Ana não se dá conta dessa data: “Ana Davenga não havia esquecido, mas também por que lembrar. Era a primeira vez na vida, uma festa de aniversário.” (EVARISTO, 2016, p. 29). Há uma dor, uma infelicidade em sua vida, sendo que só a roda de samba a alegrava até encontrar Davenga. Quando ele é morto, não há mais motivo para ela viver também. Por isso, Ana é vítima do confronto entre os policiais e Davenga, ela morre na cama segurando o filho do casal ainda na barriga. Na narrativa, levando em consideração o estudo de Badinter, após um ter conhecido o outro, seria impossível pensar a vida de um sem o outro, por isso a morte é necessária – dentro da estrutura diegética – para os dois. “Separados Um do Outro, parecem ao mesmo tempo inúteis e em perigo de morte, como se apenas a unidade dos dois tivesse sentido e eficácia.” (1986, p. 23). Aos 27 anos, ela é lembrada apenas pelos amigos mais próximos da favela e por mais ninguém.

Faz-se necessário destacar a importância que o nome *Ana Davenga* possui para essa narrativa. Vitor Manuel de Aguiar e Silva destaca que o “[...] nome da personagem

funciona frequentemente como um indício, como se a relação entre o significante (nome) e o significado (conteúdo psicológico, ideológico etc.) da personagem fosse motivada intrinsecamente.” (SILVA, 2011, p. 705). Da mesma forma, Ernst Cassirer destaca que “[...] a unidade e a unicidade do nome não compõem somente o signo da unidade e unicidade da pessoa, mas a constituem realmente, pois o nome é que, antes de mais nada, faz do homem um indivíduo. Onde não existe esta distinção verbal, os limites da individualidade começam a apagar-se.” (CASSIRER, 2000, p. 69).

A partir disso, é possível dizer que os nomes conferem índices importantes a respeito da identidade de uma personagem, como é o caso de Ana Davenga. A relação entre Ana e Davenga se dá a partir de um encontro em uma roda de samba, ou seja, a identidade de Ana é traçada a partir do espaço social em que está e do olhar do outro, Davenga. Desde o dia em que Davenga a levava para sua casa, ela quis ficar com ele, ser dele. “Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome.” (EVARISTO, 2016, p. 27). Nada mais significativo do que adotar o nome do seu amado como seu sobrenome. Isso remete ao estudo de Charaudeau (2009), pois há claramente nisso o princípio de alteridade, o reconhecimento da diferença entre os dois: Ana era como uma bailarina dançando; Davenga um assaltante; mas, logo na primeira noite, após o *gozo-pranto*, Ana resolve adotar o nome de Davenga, tornando-se, assim, Ana Davenga. Ou seja, ao adotar o nome do outro, Ana, na relação de alteridade, de reconhecimento de diferenças e de semelhanças, ao tomar conhecimento de si, reconhece-se igual a Davenga e, com isso, quer ser dele, ser nele uma só. Não só Ana, mas Davenga também gostou dela desde quando a viu, “[...] dera seu nome para Ana e se dera também.” (EVARISTO, 2016, p. 27). O que se percebe aqui é que há aquele processo recíproco de reconhecimento e ao mesmo tempo de diferenciação que configura o princípio de alteridade trabalhado por Charaudeau.

Davenga é o típico malandro da favela. A personagem vai se delineando aos poucos ao longo do conto e faz com que o leitor tenha uma mistura de paixão e asco por ele. A primeira característica apresentada pelo narrador é a do gozo-pranto. No momento do orgasmo, Davenga chora, sofre e sente prazer. Ana se condói e cogita não ter mais relações sexuais com seu homem, mas ele implora para que ela continue. Isso conota uma mistura de identidade da personagem, pois, ao realizar uma atitude, a relação sexual, própria dos adultos, o narrador o configura como uma criança pelo seu pranto: “Davenga que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança. Soluçava, umedecia ela toda.” (EVARISTO, 2016,

p. 23). A identidade de Davenga é fragmentada: malandro de roda de samba, assaltante, chefe de um esquema de assaltos, justo (pois preferia assaltar aqueles que detinham o poder na sociedade, como o deputado), homem cruel (por exemplo, quando manda matar Maria Agonia) e criança, tudo ao mesmo tempo, mas adaptando-se aos locais em que circula. O narrador ainda apresenta o prazer que Davenga tem em assaltar. Ele se deleita ao ver o medo estampado na cara de suas vítimas, como foi o caso do assalto ao deputado. Há um jogo de maldade e ironia: “– Pois é, doutor, a vida não tá fácil! Ainda bem que tem homem lá em cima como o senhor defendendo a gente, os pobres. – Era mentira.” (EVARISTO, 2016, p. 24). No final, a morte de Davenga se dá justamente pelo medo em ir preso. O assaltante prefere morrer a ir para uma penitenciária, ao fazer sua escolha, acaba por levar junto de si sua mulher e seu filho.

Uma das marcas da autora é quando ela coloca suas próprias características ou histórias em sua ficção. Em “Ana Davenga”, Conceição é Davenga na medida em que ambos possuem memórias semelhantes, tais como: “Lembrou da mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina. Daquelas mulheres todas que ele não via há muitos anos, desde que começara a varar o mundo. [...] Ela lhe trouxera saudade de um tempo paz, um tempo criança, um tempo Minas.” (EVARISTO, 2016, p. 26). Aqui está a presença do termo cunhado pela autora *escrevivência*. Essa palavra é a origem da aglutinação de outras três *escrever*, *ver* e *viver*, ou seja, *escre vi vendo*. Conceição Evaristo cria um conceito relacionando a sua ficção com a sua vida, aproximando-a de suas personagens, como é o caso do assaltante Davenga.

Maria Agonia é uma personagem secundária, mas que ajuda a configurar tanto Ana quanto Davenga. Maria é filha de pastor, mas se envolve com Davenga antes deste conhecer Ana. Mais uma personagem com uma identidade fragmentada, pois não é apenas crente, mas vai contra os princípios do pai e da religião por se envolver com um assaltante. Davenga conhece Maria em uma prisão, quando vai visitar um amigo e este apresenta os dois. Davenga ainda reflete sobre a vida na prisão e deixa claro que nunca irá para esse lugar. Maria é Agonia, pois “[...] vivia dizendo da agonia de uma vida sem o olhar do Senhor.” (EVARISTO, 2016, p. 27). No entanto, as relações entre os dois acontecem sempre às escondidas, pois Maria é filha de pastor e não poderia ser pega junto de um marginal. O preconceito dela revolta Davenga, que manda alguém matá-la. No entanto, antes da morte de Maria, há algo mais significativo: aquele princípio de alteridade e de reconhecimento entre os dois não acontece.

“Ela, ao levantar os olhos e perceber o olhar dele, piedosamente abaixou a cabeça e voltou ao livro. Ele saiu e se encaminhou para o botequim em frente.” (EVARISTO, 2016, p. 27). Há a percepção das diferenças, mas não há a relação de identificação. Prova disso são os locais onde cada um está: ela na igreja, ele no botequim. Os espaços sociais de cada um configuram diferenças e não permitem aproximações. Diferentemente do momento quando Ana e Davenga se conhecem: ambos estão em uma roda de samba e se identificam. Mais uma vez, o processo destacado por Charaudeau não é concluído, ou seja, acontece a consciência do outro, ambos se reconhecem e se diferenciam, mas os olhares não se legitimam. Da mesma forma que os modos de ser de ambos, conforme Landowski, dificultam a sua aproximação. Por fim, a respeito de Maria Agonia, Davenga ainda sente remorso pelo que fez com ela.

Os espaços percorridos ao longo do conto também precisam ser destacados. Basicamente, a narrativa se passa na favela, no barraco de Ana e de Davenga. Mas as recordações de ambos encaminham o leitor por outros lugares que configuram a personalidade e a identidade dos dois, conforme Hall,

[...] a moldagem e a remodelagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas. O sujeito masculino, representado nas pinturas do século XVIII, no ato de inspeção de sua propriedade, através das bem-reguladas e controladas formas espaciais clássicas, no crescente georgiano (Bath) ou na residência de campo inglesa (Blenheim Palace), ou vendo a si próprio nas vastas e controladas formas da Natureza de um jardim ou parque formal (Capability Brown), tem um sentido muito diferente da identidade cultural daquele do sujeito que vê a “si próprio/a” espelhado nos fragmentos e fraturados “rostos” que olham dos planos e superfícies partidos de uma das pinturas cubistas de Picasso. Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. (2001, p. 71).

Desse modo, os espaços onde as personagens transitam permitem caracterizá-las, pois esses locais possuem uma interação contínua com os eventos narrados. Ou seja, como pensar a caracterização de Ana sem a roda de samba, de Davenga sem o assalto ou de Maria Agonia sem a igreja? Assim sendo, as identidades desses personagens são formadas no interior desses espaços.

Por fim, há no texto a representação de uma identidade cultural por meio de alguns elementos: os personagens são todos negros, frequentam uma roda de samba e há uma referência à macumba. Todos esses elementos fazem parte de um imaginário a

respeito da constituição de uma identidade nacional brasileira. Dessa forma, é possível afirmar que

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2001, p. 51).

Ou seja, a narrativa, ao apresentar esses elementos culturais, se insere dentro de uma série de obras que acabam por representar uma identidade nacional, a partir de alguns elementos que a constituem, bem como esse texto contribui para a formação e transformação de identidades culturais que configuram uma identidade nacional. Além disso, “Ana Davenga” representa e discute essas características por vezes marginalizadas e esquecidas pela sociedade.

Considerações finais

*André, nossa palavra tem Axé! Diga a sua!*³

É difícil ler os textos de Conceição Evaristo e não perceber o Axé⁴ presente nas palavras da autora. Pensar esse Axé é perceber a força da palavra nos contos de Conceição. É poesia pura. Por exemplo, no conto “Ana Davenga”: “De repente, naquele minúsculo espaço coube o mundo.” (EVARISTO, 2016, p. 21); “Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu.” (p. 23); “Seria tão bom se aquela mulher quisesse ficar com ele, morar com ele, ser dele na vida dele.” (p. 26); “Alegre, zambeiro, cabeça-sonho, nuvens.” (p. 29). Ao poetizar as suas narrativas, Conceição Evaristo alivia o conteúdo de suas histórias.

“Ana Davenga” é tenso. Ao mesmo tempo em que é belo e cruel. Uma representação clara do espaço em que a narrativa se passa: a favela. Esse espaço marginalizado e esquecido pela sociedade, se torna palco para uma narrativa que discute

³ Dedicatória dada ao livro *Ponciá Vicêncio*, por Conceição Evaristo ao autor deste artigo, na Abralic, em 2016, na UERJ.

⁴ Axé aqui possui o sentido de força, poder, assim como o Axé (a força sagrada no candomblé) que se reanima nos rituais sagrados.

relações sociais e identitárias de personagens que estão no limite de suas vidas, confrontando a todo instante a morte. A narrativa engendrada por Evaristo é um claro exemplo da força que a literatura tem ao representar essa realidade social e ao mimetizar uma realidade esquecida por uma grande parcela das pessoas. O conto em si possui uma capacidade de direcionar o leitor não apenas como espectador, mas, aos poucos, acaba por envolvê-lo na narrativa.

Na prática, percebe-se que, se narrativas e poemas possuem princípios estruturais que os diferenciam, mas que se mantêm iguais dentro do gênero, o jogo entre identidade e diferença torna os dois termos correlativos. Os estudos sociológicos, antropológicos e psicanalíticos vão provar que o sujeito não possui uma identidade unitária, mas um conjunto de traços diferenciais que depende dos diversos contextos sociais e culturais em que está inserido, bem como de um aparato psíquico que também funciona como uma linguagem. (BORDINI, 2006, p. 17).

Assim, as personagens são todas fragmentadas e representam claramente a realidade social do mundo contemporâneo, em que não há uma identidade, mas identidades que são moldadas conforme os espaços que ocupam (CHARAUDEAU, 2009). A consciência de si de Ana Davenga é formada ao longo do texto a partir da percepção de sua diferença em relação ao namorado, mas, ao mesmo tempo, é moldada no contato com este. A sua história antes de conhecer Davenga não possuía consciência, contudo, no processo de diferenciação entre os dois, ao mesmo tempo da inclusão do sobrenome Davenga no nome de Ana, ela acaba por criar uma identidade que se dá dentro desse olhar e do espaço social em que está inserida.

Por fim, o livro *Olhos d'água*, e, por sua vez, o conto “Ana Davenga”, estão inseridos em uma literatura contemporânea dita periférica (ou marginal), pois oferece “[...] oportunidades para a problematização de questões como autorrepresentação, escrita marginal, afirmação identitária e inserção nos circuitos letrados canônicos e mercadológicos.” (RODRIGUEZ, 2017, p. 54), que muitas vezes não são discutidos pela literatura canônica. A inserção desse tipo de produção cultural é a possibilidade da minoria, em um país desigual, ter voz e chamar a atenção para a sua realidade. Ana Davenga talvez seja apenas uma personagem, mas nela estão muitas outras Anas vítimas da violência que, quando muito, são referenciadas em estatísticas, perdendo, assim, a sua identidade para se tornar um número.

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **Um é o outro**: relações entre homens e mulheres. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BORDINI, M. G. Estudos culturais e estudos literários. **Letras de hoje**, Porto Alegre, n. 3, p. 11-22, 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fzva/ojs/index.php/fale/article/view/610>. Acesso em: 5 jun. 2019.

CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. Trad. Jaime Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

CAZES, L. Conceição Evaristo: a literatura como arte da “escrevivência”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 jul. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928#ixzz4jZJz9Wi9>. Acesso em: 25 fev. 2019.

CHARAUDEAU, P. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. *In*: PIETROLUONGO, M. (Org.). **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

EVARISTO, C. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LEVINAS, E. **Ética e infinito**. Trad. João Gama. Lisboa: Editora Edições 70, 1982.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

RODRIGUEZ, B. O ódio dedicado: algumas notas sobre a produção de Ferréz. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 24, 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4846195>. Acesso em: 25 fev. 2019.

SILVA, V. M. A. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Edições Almedina, 2011.

Data de submissão: 14/05/2018

Data de aprovação: 19/09/2018